

“MÃOS PEQUENAS”

Andréa Coelho Paim
&
Neiva Coelho Paim

“Mãos Pequenas” é um dos tantos títulos que povoou nosso universo nestes últimos meses. Mãos pequenas e calejadas pelo trabalho nas plantações de cana, de abacaxi, de café, de milho... Mãos pequenas e sulcadas pelo sisal, esburacadas pelo cabo de enxadas, doloridas pelo serviço da casa... Mãos pequenas que crescem depressa demais por detrás da ganância de alguns e da necessidade de outros.

- Ôô, tia, eu preciso trabalhá! Meu pai é doente.
- Doente de que?
- Ele bebe, sabe? Daí ficou doente. Tem essas coisa!
- Que coisas?
- Chilique, né?
- E o que ele faz?
- Bate na gente. Na minha mãe, nas irmã. Fica doidão e não pode trabalhá!
- E o que acontece depois?
- Precisamo í pra roça, né?

E lá se vão, mais de um par de mãos pequenas lidar numa lavoura que, na maioria das vezes não é de sua família, e sim de terceiros. E mais, justamente por conhecer a situação familiar, aproveitam-se e têm uma lavoura produtiva por poucos trocados, que não pagam nem uma cesta básica mensal para estas crianças.

- Sabe dona, eu não me queixo! Tenho tudo que quero! Tenho casa, roupa limpinha, comida “de graça”.
- De graça?
- Claro! Minha patroa é muito boa prá mim! Me dá de um tudo!
- E o que fazes lá?
- De um tudo também!
- O quê?
- Faço café, comida, limpo a casa, lavo a ropa... passo também...
- Tudo isso “de graça”?!?
- Não! Ela me dá uns trocado prá i no cinema e comprá alguma coisinha prá mim.
- Só?
- Ah! Me deixa vê um pouco de televisão de noite e no fim da semana. Ela é muito boa!

Boa demais! Por detrás do escudo das necessidades básicas desta adolescente encontra-se uma patroa perversa, que abusa da vontade de ter “um bom lar” e do desejo de consumo. E as mãos ficam grandes de repente, porque precisam pegar a barra inteira de sabão, precisam esfregar o ferro de passar roupa com força, precisam suportar o peso de sacolas de compras, precisam arredar móveis maiores que ela, não deixando nenhuma sujeirinha pelos cantos, senão...

- Senão o quê?
- Ah, dona! Senão eu perco a “hora da televisão”!
- Como assim a “hora da televisão”?
- É, né! Se a gente não faz direitinho tem que tê castigo, não é mesmo? É justo! Mas eu faço direitinho, porque ela é muito boa pra mim!...

Até quando? Até quando as mãos terão que ser maiores que nossas crianças? Até quando seus destinos serão traçados pela carência de suas necessidades? Ou pelo aproveitamento de alguns, que vão enricando às custas de infâncias perdidas, de adolescências aliciadas, de bonecas que nunca tiveram donos, de bolas que não puderam ser chutadas, de livros que foram escritos para alguns privilegiados e não para a apropriação de todas as pequenas mãos!

Não foram somente de leituras que nos apropriamos. Nos apropriamos, também, de quilômetros e quilômetros de estradas. Vimos paisagens maravilhosas. Vimos paisagens deprimentes. Aqui, bem ao

nosso lado, tecendo os caminhos de nosso próprio estado. Longe também, pelas bandas da Paraíba. Vimos riqueza e pobreza convivendo juntas, numa ordem inalterável, onde uns têm “de um tudo” e outros têm “de um nada”!

Vimos a exuberância das plantações de fumo, com suas folhas enormes, de um verde profundo, espalhadas, da estrada até onde nosso olhar encontra o horizonte. Ao ver o verde-azulado que as separa do céu, pensamos no escuro horrendo de tantos pulmões que se maltratam, do momento da colocação da semente na cova da terra, até o tragar profundo de sua industrialização. Pensamos que, para ter aquela exuberância, precisaram ser pulverizadas por pequenos pulmões branquinhos, que não estarão mais assim na próxima plantação.

Vimos grandes plantações de abacaxi que nos provocaram água na boca, mas que nos remontaram à identidades perdidas nos sulcos de impressões digitais. Quem são estas crianças, que ainda não escrevem seu nome, mas que misturam o amargo de suas vidas ao doce perfume das frutas?

E que beleza de dança que as esguias folhas dos canaviais fazem ao sabor dos ventos! Neste balê estão muitos pezinhos perdidos, pequenos e grandes, rechochudos e magrinhos, que poderiam estar nos palcos, tecendo outras histórias. A foice muda o ritmo que o vento quer dar às folhas e muitas vezes, também, muda as vidas de quem a empunha.

Presenciamos famílias em desespero por terem que colocar seus filhos na rua em coletas de lixo, não só com “mãos pequenas”, mas com pernas curtas demais para andar os vários quilômetros diários que são necessários para encher seu carrinho. Vimos colherem junto, o alimento daquele dia, de dentro de um saquinho plástico, numa mistura homogênea e com sabor... de quê? Papel velho? Detritos de hospital? Resíduos fecais? Mas o gosto é da Vida! Da vida que precisa continuar correndo dentro de suas veias, que precisa ver mais um raiar do dia para... iniciar mais uma coleta. Presenciamos famílias conformadas. Esse foi o seu destino, porque não ser o de seus filhos?

- Cada um já nasce traçado, dona.
- Eles tem que fazê mesmo. Prá aprendê.
- Foi assim prá mim, tem que sê prá eles, que se há de fazê?

E, do emaranhado de papéis, de papelões, de latinhas e sacos plásticos brota, uma vez ou outra, uma cabecinha, cujas pernas são minúsculas demais, nos seus um ano e pouco, para acompanhar o rodar do carrinho. Rostinho sujo, bochecha rosada e um sorriso nos lábios carnudos por não compreender ainda o que a vida está lhe oferecendo.

- E este, quem é?
- Ah, dona! Este é meu de pequeno. Sabe, eu não queria ele, mas não deu prá evitá. Fiquei embuchada e daí não deu prá tirá. O outro eu tirei, esse ficô! Ele já ajuda também!
- Ajuda em quê?
- Ajuda a descarregá, dona. Já entende tudo, então já pode ajudá.
- Como?
- Jogá as coisa lá de dentro e aí, é só juntá.

E lá se vai o carrinho, transportando sua preciosa carga (o pequeno!), rangindo suas rodas pelo asfalto das ruas, burlando o trânsito, emaranhando-se na cidade, que olha contemplativa e que parece dizer sorradeira:

- NÃO TENHO NADA COM ISSO!

Presenciamos, também, famílias deixando o tempo passar na ociosidade dos dias, sugando a vida dos filhos na encruzilhada das ruas, aproveitando-se de seus rostinhos suados nos dias acalorados, ou de seus pés desnudos no rigor do frio. O coração se rende em situações como esta! Mas a mão não pode estender-se. É por amá-los que não podemos compactuar com a mendicância, que não podemos ser cúmplices de um comércio ilegal e desumano, que os transforma em pequenos adultos, responsáveis pela sobrevivência de uma família da qual deveria sobreviver.

Às vezes são as próprias crianças que compreendem a dificuldade das famílias. Se vestem o melhor possível, inflam o peito, orgulhosas, adentram no restaurante e...

- Vai uma rosa, senhor?
- Não, hoje não!
- Vai! Ah, vai, vai sim. A moça é muito bonita. Minha rosa também! Dá prá ela, moço!

O trocado sai do bolso. É bem menos do que custará aquele jantar! A consciência se lava da culpa, o jantar não faz tão mal, o sorriso da companheira compensa e... afinal: "fiz meu papel de cidadão, ajudei alguém".

Ajudou quem ou o quê? A manter mais uma criança na rua! Ajudou a que mais um adulto fique sem trabalho! Se for adulto a vender a rosa, ela seria comprada? E se for um menino, teria o mesmo êxito? Rosas são geralmente vendidas por meninas. A hora? De jantares tardios. De meninas que perambulam pelas calçadas, de restaurantes em restaurantes, e que num desses encontros desafortunados da vida receberão "convite" mais rendoso, menos trabalhoso do que calejar os pés em longas caminhadas. Vão descobrir que vender seu corpo pode parecer mais fácil!

E tem as sinaleiras, os carros travando em cima de "pequenos gigantes" compostos de dois ou três blocos (crianças) fazendo malabarismos com calotas de carro "perdidas". O perigo?

- Não faz mal, dona. Se cai no pé a gente só manca.
- O ruim é quando cai na cabeça, daí a gente tem que custurá.
- E a gente do Socorro às vezes é ruim! Diz até "bem-feito, vocês atrapalham os carro"!

Falamos muito de cidadania. O universo educacional está contido nessa temática, que se avoluma a cada dia. Os projetos pedagógicos se recheiam dos mais variados assuntos neste entorno. E a situação política do país nos empurra, mais e mais, para a reflexão e análise do que seja cidadão, do que seja moralidade, do que seja justo ou injusto, do que seja corrupção, do que seja "venda da alma"! Nos surpreendemos em saber que "eles" passaram pela escola. E, então, ficamos pasmos de ver "o discurso da escola" ficar dissociado de uma "prática da sociedade"! Não de todos, talvez de alguns... Não da maioria, talvez de segmentos... Não na generalização, talvez na particularidade de alguns, que por conhecerem tão bem o discurso politicamente incorreto, fazem dele o trampolim para certas "escravidões". E nos gabamos de sermos livres, autônomos, independentes. De quê?

A escola está aí, atrelada a dogmas, preconceitos, estruturas, currículos... Podemos pensar que os avanços foram muitos, que a escola esteja se apropriando de novos rumos, de novos paradigmas. Mas a lentidão da escola está dissociada da rapidez do Tempo. Ele é veloz demais! Corre nos dias, atropela as horas e se lança, em minutos em outros espaços. Nos surpreende com coisas por fazer, perdidas em suas dobras! E a escola se esconde por aí. São cursos e mais cursos, capacitações e mais capacitações, projetos e mais projetos que, quando concluídos, já estão quase obsoletos, porque o Tempo já os superou. Superou na tecnologia, superou na mídia, superou na evolução da espécie, que nasce cada vez mais capacitada, mais adentrada. Nossos netos estão aí para comprovar!

E tem, ainda, as crianças que nem chegam lá! Que não sabem ou só provam o gostinho dos bancos escolares. Que desconhecem o prazer de compartilhar brinquedos e brincadeiras, de participar de campeonatos esportivos, de deleitar-se com bibliotecas bem nutridas, de apropriar-se da uma cultura que a humanidade acumulou, de construir seu mundo social a partir de vivências calcadas em relações partilhadas. Em serem realmente crianças! Mas não, estão lá, estão engraxando sapatos, estão vendendo balas em ônibus, estão colhendo laranjas ou sucumbem em sua desnutrição.

A escola precisa pensar que não é ela mais o único, senão o mais forte, espaço educativo. Não é só com a família que disputamos a chamada "educação da espécie". Os espaços educativos se multiplicaram. À cada passo estamos dentro de um deles. Educação se faz a toda hora, a todo momento, em qualquer esquina, em qualquer espaço, de múltiplas e variadas formas. E nós, pessoas que fazemos a educação, precisamos estar atentas.

Estamos dizendo isso, porque não foram só quilômetros de estradas; foram quilômetros de conversas, quilômetros de diálogos, quilômetros de conflitos mal resolvidos, desviados, canalizados por subterrâneos escuros e aterrorizantes. Nossos educadores estão perdidos! Perdidos em suas relações, em suas ações, em seus sentimentos! Falo dos educadores que se imbricam pelas estradas dos sertões. Falo daqueles que, como nossas crianças, são excluídos! Falo daqueles que não têm acesso às últimas palavras da educação. Aqueles que, por incrível que pareça, a tecnologia ainda não alcançou ou, se alcançou, não lhes está disponível, porque lhes falta o mesmo que falta às nossas crianças: dinheiro, renda, fundos, bufunfa, money, pecúlio, cash, ... Dêem o nome que quiserem, na língua que desejarem! FALTA.

Em compensação, o sistema entope esses mesmos educadores de projetos que despencam dos "céus", que os sufocam, tiram a respiração e os desnorteiam. Dizem que TEM que fazer o que não compreendem, querem que FALEM do social se nem sabem sobre seu "eu", que PROTEJAM uma infância, quando a sua própria está perdida em sonhos inacabados. E, quando acreditam e empenham-se, descobrem que não era bem assim... Para compreendermos o outro e amá-lo é primordial que nos compreendamos e nos amemos! Para sermos cidadãos e exercermos nossa cidadania é preciso, em primeiro lugar, que saibamos "de onde viemos, quem somos e a que viemos". Gougan expressou muito bem isso em seus quadros, que retrataram a sua perene busca de identidade.

A fala dos educadores traduz essa imensidão de controvérsias, essa imensidão de incoerências. Como encontrar o fio da meada que poderá fazer uma tecitura mais suave, mais harmônica, mais real e mais sublime? Onde está o fundo do abismo que sempre dicotomiza o Mundo? Ou é o bem, ou é o mal; ou é pobre, ou é o rico; ou é o branco, ou é o negro; ou é o civilizado, ou é o primitivo; ou pode, ou não pode... A fala dos educadores, das cidades que se plantam à beira de nossas estradas, e que serpenteiam este Brasil, precisa ser resgatada, precisa ser ouvida, precisa ser decodificada. É uma fala muito diferente dos educadores que transitam pelos corredores das Universidades. É uma fala muito diferente dos educadores que acessam o mundo para além de suas próprias fronteiras. Há um limite em seus discursos. Limite imposto pelas suas próprias vivências.

- Mas eu sempre trabalhei e estou aqui. Me fiz! Venci!
- Se comigo funcionou, por que com meus filhos não funcionará também?
- O trabalho glorifica o homem! Isso é filosofia!
- É trabalhando que se aprende a viver.
- Trabalho traz responsabilidade, organização.
- O ECA serve mais para atrapalhar do que para ajudar.
- Já até o apelidamos de ECA's...

Seu discurso não separa o que seja "trabalho" do que seja "atividade educativa". E as crianças também confundem os dois. Alguns discursos não separam o que seja compromisso e omissão, o que seja direitos e deveres, o que seja leitura e o que seja compreensão dela. Muitas vezes a escola se limita a ensinar a ler e não interpretar, a ler e não adentrar nas entrelinhas para fazer das palavras a ação. Mas tem gente que faz isso, ou por estar mal intencionada, ou por impropriedade de compreensão e, aí, as interpretações ficam distorcidas e se projetam nos discursos descritos acima, ou nos que seguem abaixo...

- Não vô secá a louça, não. Vai vê só! Vô fazê queixa ao Conselho Tutelar!
- Não junto o papel do chão. Tem gente prá fazê isso! Não sô eu que tem que fazê...
- Tu não me manda, faço o que eu quero.
- Não me toca que te denuncio!

Cadeiras viradas, palavrões entre os lábios, bofetões, depredação das escolas, pichações... Os educadores convivem com isso diariamente. A cada dez crianças (para ser otimista!) uma está mal resolvida, mal compreendida, mal encaminhada... ou como queiram chamar! Mas está MAL! E os educadores não sabem ou não conseguem lidar com isso. Ou porque não são capazes de lidar consigo mesmo, ou porque sentem-se impotentes numa rede de proteção, que muitas vezes protege quem não precisa e deixa desprotegido quem carece dela.

Equilíbrio é sempre o que a vida nos pede a cada passo que damos, a cada novo conhecimento com o qual nos deparamos. É preciso ter equilíbrio ao subir uma escada, é preciso ter equilíbrio ao to-

mar uma decisão, é preciso ter equilíbrio numa relação à dois. Ter equilíbrio é fundamental. Mas o que nos faz ter equilíbrio frente a um aluno que se ergue de seu assento, olha-nos no fundo de nossos olhos e nos manda ✨☠️💧 ! Simplesmente porque lhe pedimos um pouco mais de respeito, ou porque lhe foi solicitado o trabalho do dia anterior, ou, ainda, porque pedimos que ele baixe o tom de voz... Esta também é uma situação do cotidiano de educadores que se alastram pelo mapa deste brasilzão. É tão invisível o seu “mundo perdido” como é invisível o “mundo do trabalho” de tantas crianças, também rendadas no mapa, esquecidas pelo tempo e pela sociedade (políticos, talvez?), que se farão, na certeza de seus esforços; ou que sucumbirão na incerteza de suas vidas.

Fala-se em cidadania. Fala-se em cidadão para exercê-la. Fala-se em educação para compreendê-la. Mas há de se falar, em primeiro lugar, em indivíduos que a construam a partir de sua consciência moral, a partir de sua sensibilidade, a partir de seu engajamento social, a partir das articulações que possam fazer com outros indivíduos, na árdua tarefa de girar o mundo com mais harmonia. Para se compreender enquanto grupo, urge que se perceba enquanto ser único e também responsável por si e por todos. O bem comum só é comum a partir de uma lógica das diferenças, que se descobre na lógica das semelhanças e que se partilha nas necessidades, nos desejos, nos sonhos e na construção de uma realidade mais justa e mais humana para todos e por todos.

Mãos pequenas sozinhas já fazem muito, mas mãos pequenas suportadas por muitas outras mãos que se tocam, que se completam, que se diferenciam, que se entrelaçam, que se misturam, com certeza, pintarão um outro quadro, que não este que aí está, às vezes ignorado por muitos.

RS - Porto Alegre, 14 de setembro de 2005
PROEPRE – Centro de Educação Infantil